

AS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS NO ENSINO MÉDIO

CHANGES OF SPELLING IN HIGH SCHOOL

TAVARES,Sandra Márcia-RU2478385

PALOMA,Michely Isber Ruiz-Orientadora

RESUMO

O presente estudo visa investigar,por meio de pesquisa bibliográfica,as causas dos erros ortográficos no Ensino Médio e a intervenção adequada,tendo conseqüentemente o avanço gradativo do aluno até obter êxito na vida acadêmica,evitando assim a evasão.Sendo assim, através do mapeamento das alterações ortográficas,fazendo o levantamento dos erros mais evidentes,conhecendo como diagnosticar,tratar e auxiliar o disortográfico,além de orientações de como pais e professor devem agir e ainda demonstrar como é a avaliação e a intervenção estabeleceu um norte para o professor.Há também algumas atividades para serem aplicadas que capacitam os alunos.O professor deve acompanhar a evolução do aluno e estimulá-lo constantemente a enfrentar e superar tal desafio e continuar a sua jornada acadêmica.É imprescindível que o professor busque o aperfeiçoamento constante e aprofundado nas dificuldades/transtornos/distúrbios de aprendizagem para que consiga obter êxito no ensino/aprendizagem.A rede pública é um grande desafio para o profissional da Educação,pois normalmente as condições são precárias,mas para aquele que está bem preparado e sabe utilizar o que dispõe fazendo a transposição do conhecimento,o resultado é a aprendizagem dos alunos sem ficar nenhum para traz.

PALAVRAS-CHAVE: Disortografia. Investigar. Diagnóstico. Intervenção. Avaliação.

ABSTRACT

This study aims to investigate,through bibliographic research,the causes of spelling erros in high school and the appropriate intervention and consequently the gradual advancement of the student to achieve success in academic life,thus avoiding the evasion.The teacher should monitor the student's progress and constantly stimulate him/her to face and overcome this challenge and continue the student's journey.It is essential that the teacher seeks constant and in-depth improvement in learning difficulties/disorders/disturbances in order to achieve success in teaching/learning.

KEYWORDS:Dysorthography.investigate.diagnosis.interventions.evaluation.

1 INTRODUÇÃO

O professor do Ensino Médio constantemente depara-se com alterações da ortografia de grande parte dos alunos, inclusive dos que são dedicados, no entanto, ao serem requisitados para produzirem textos, o professor observa que mesmo após transporem várias etapas da vida escolar tais alterações ainda persistem. Preparar o aluno adequadamente para a vida acadêmica ou profissional é a função primordial da Escola, por isso muitos profissionais se sentem impotentes diante de textos incompreensíveis, apresentando erros ortográficos inadmissíveis nesta etapa da vida escolar.

Diante deste fato, cabe ao professor investigar com mais afinco as causas destes problemas e, através de encaminhamentos e ações eficazes procurar saná-los. Sendo assim, para que a intervenção auxilie o aluno a superar suas dificuldades, será imprescindível analisar a sua produção de texto, diagnosticar as dificuldades apresentadas, em seguida fazer uma entrevista com os pais e encaminhar para uma avaliação com outros profissionais (fonoaudiólogos, psicólogos e psicomotricistas e psicopedagogos). Desta forma com o auxílio dos mesmos o professor elabora atividades, as aplica, faz as intervenções cabíveis e acompanha os avanços ou retrocessos destes alunos.

O docente deve constantemente aperfeiçoar as suas práticas pedagógicas através de capacitações, empregando novos recursos para diagnosticar e intervir adequadamente em tais problemas de aprendizagem. É de suma importância que tenha consciência do trabalho que desenvolve em sala de aula e encontre mecanismos que transponha os entraves encontrados, porém deve cultivar o espírito investigativo e a persistência na busca da solução de tais problemas.

Na rede pública há um número excessivo de alunos por sala apresentando inúmeros problemas, entre eles, distúrbio de comportamento, desajustes emocionais etc. No entanto, apesar das condições precárias de trabalho, o professor deve ser metódico para detectar e intervir adequadamente.

O presente Artigo, diante do problema que é o Transtorno da Disortografia, que muitas vezes leva o aluno a abandonar a Escola e a desistir de continuar seus estudos, visa auxiliar o professor a detectar tal transtorno e

auxiliar o aluno fazendo o devido encaminhamento, evitando que ele desista de vislumbrar uma vida acadêmica proveitosa.

Desta forma diante do texto de um aluno do Ensino Médio em que não há coerência e Coesão, e ausente sinais de pontuação, erros graves de ortografia, substituições de grafemas ou ainda, se durante o diagnóstico observar que o aluno apresenta dificuldades em descrever um lugar do seu cotidiano e fazer parágrafos, tais evidências levam a inúmeros questionamentos que podem levar a comprovação da Disortografia. Daí a importância de conhecer as características deste Transtorno. O professor, normalmente, levanta algumas hipóteses que perpassa pela alfabetização deficiente ou então por uma limitação que pode ser física ou intelectual do discente, no entanto se tiver um bom embasamento teórico poderá auxiliar adequadamente o discente.

Assim diante do quadro que se desenha resta ao profissional investigar as causas de tais erros, frequentes no Ensino médio para que seja feita uma intervenção efetiva. Para tanto é preciso mapear o transtorno de aprendizagem denominado Disortografia, demonstrando suas características, através de um embasamento teórico, que propicia um diagnóstico preciso para uma intervenção eficiente com atividades práticas e o acompanhamento da evolução do discente norteando o seu trabalho na prática da sala de aula.

O professor deve estar atento para as características da Disortografia e comunicar a coordenação da Escola para que juntas possam comunicar os pais e fazer os encaminhamentos, visto que tais dificuldades também podem ser em decorrência de problemas de visão ou audição.

Após detectar o problema e delimitar o assunto (Disortografia) conclui-se que a Pesquisa Bibliográfica é a mais adequada, devido a utilização de materiais já publicados (livros, artigos, periódicos, internet), ou seja, através primeiramente de um levantamento bibliográfico, selecionando os autores/artigos que discorrem sobre o assunto (identificando, localizando e fazendo o fichamento das informações e ideias mais importantes do texto), fazendo a leitura e refletindo sobre as informações trazidas sobre a Disortografia. No tocante a abordagem predominou a pesquisa qualitativa em decorrência da descrição e análises de maneira geral indutivas, e estudo de caso, objetivando gerar conhecimentos para aplicações práticas com objetivo de solucionar problemas específicos, além de proporcionar maior familiaridade com o Transtorno de Aprendizagem

denominado Disortografia. Há também atividades práticas para a intervenção adequada deste transtorno.

A Pesquisa Bibliográfica foi realizada da seguinte forma:

- Primeiramente fez-se a escolha do assunto e a formulação do problema, levantamento de hipóteses e elaboração do plano que visava buscar as respostas às questões formuladas.
- Depois a Coleta da documentação/levantamento da bibliografia e informações contidas na bibliografia (estudo dos dados e informações).
- Posteriormente análise da documentação, e exame do conteúdo das afirmações (exploração do material pertinente ao estudo).
- Leitura, anotações, indagações e explorações visando a reflexão e proposição de soluções.
- Conclusão da Análise dos resultados
- Redação e apresentação do Artigo Científico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicialmente é imprescindível definir o Transtorno de Aprendizagem que está relacionado a um conjunto de dificuldades pontuais específicos, normalmente ligado a uma disfunção neurológica, o cérebro pode funcionar de uma forma diferente mesmo que o indivíduo seja considerado normal.O transtorno possui tratamento.Pode estar associado a fatores genéticos, ambientais e epigenéticos que também afeta a capacidade do cérebro de assimilar as informações tanto verbais como não verbais.

Pois bem, a Disortografia é um transtorno da escrita, sendo definida por Ciasca (2003), como “a escrita incorreta com erros e substituições de grafemas alteração atribuída às dificuldades no mecanismo de conversão letra-som que interferem nas funções auditivas superiores e nas habilidades linguístico-perceptivas”.

Vale ressaltar que além dos erros ortográficos que muitas vezes chamam a atenção do docente, é necessário estar presentes outras evidências para que feche o diagnóstico. Após diagnosticar, o docente tem ainda o desafio de fazer

com que o discente realize as atividades propostas para sanar tal transtorno. Nesta etapa da vida o aluno sente-se constrangido diante dos colegas de participar de aulas extras, admitindo dificuldades com a aprendizagem.

Desta forma o professor ao ler uma produção de texto de um aluno do Ensino Médio e verificar que o mesmo apresenta ainda troca de letras que são parecidas sonoramente (f/v; ch/x/j/g; p/b; t/d ou mesmo visualmente p/q; d/b; q/g ou confusão de sílabas(encontraram/encontrarão ou adições(pato/prato)ou fragmentações(ensaiar; a noitecer ;pipoca/picoca ou junções (dia seguinte, mais tarde).Pode estar diante de um aluno Disortográfico.

É preciso haver um acompanhamento adequado,direcionado às condições de cada caso.Pode ocorrer também que houve uma aprendizagem incorreta da leitura e da escrita, especialmente na fase inicial, ou ainda uma aprendizagem deficiente de normas gramaticais.

Ademais o aluno Disortográfico possui uma limitação para compor textos,acen-tuar,fazer a pontuação correta nas palavras e frases,entre outros problemas.

Normalmente, o diagnóstico é feito quando a criança está em idade escolar um pouco mais adiantada.No entanto,o professor atento pode suspeitar e fazer o encaminhamento,em que a abordagem é multidisciplinar,com fonoaudiólogos, psicólogos , psicomotricistas,psicopedagogos,além da terapia em grupo.

Assim para que a criança adquira domínio sobre o código gráfico é necessário maturidade, integridade dos órgãos sensoriais (audição e visão),e do Sistema Nervoso Central.

Vejamos um exemplo de Disortografia:

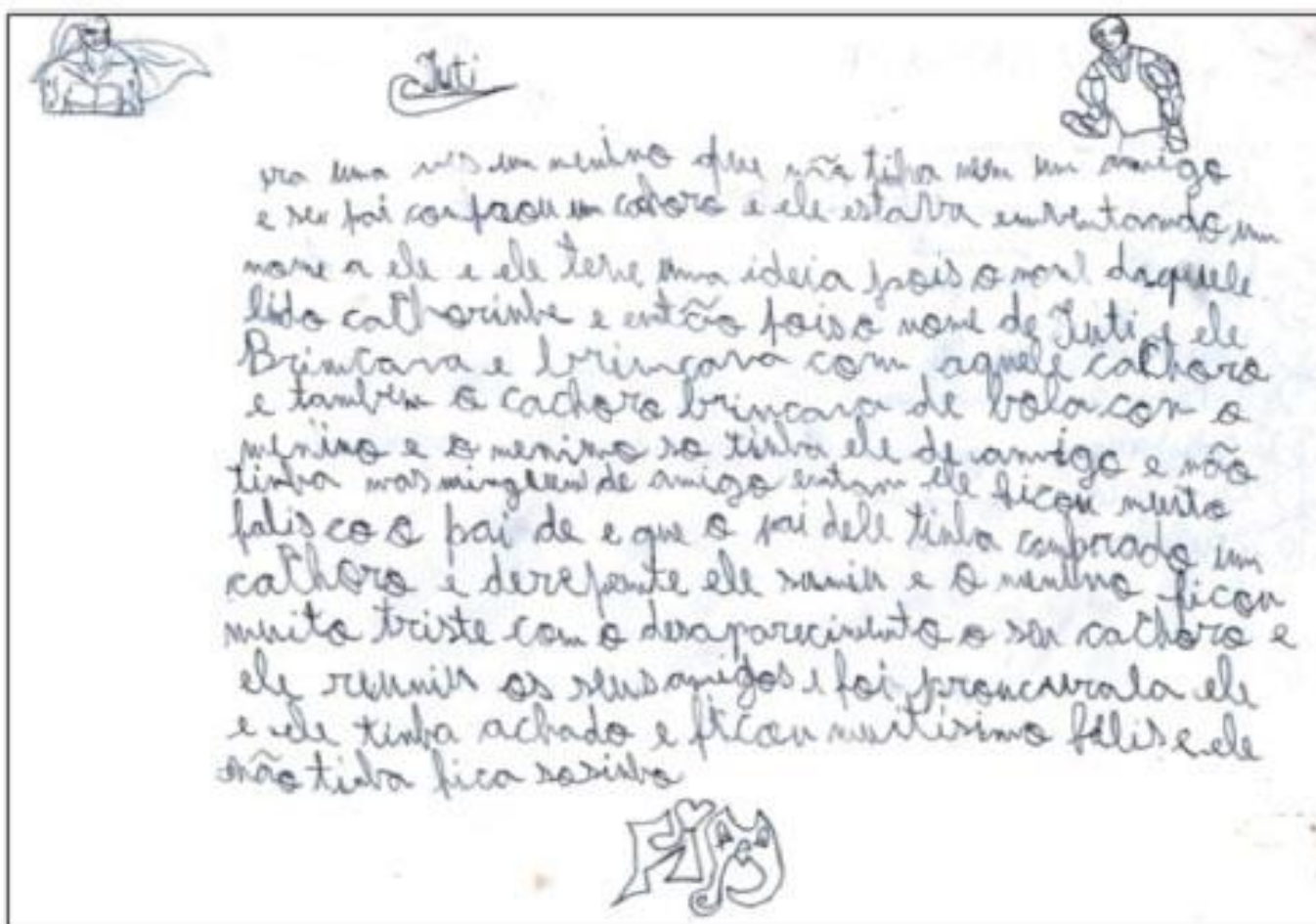


Figura 2 Ilustração de texto com características disgráficas e disortográficas.

Observa-se que o aluno no seu texto não utiliza parágrafos, pontuação, há muitos erros ortográficos (tiha-cachoro, emvemtando, lido, etc) não inicia a frase com letra maiúscula, falta coerência e coesão. Escreve o texto todo em um único “parágrafo”, não há estrutura textual.

Diante de um texto deste, o que não é incomum em todas as séries, inclusive no Ensino Médio, o professor deve ser muito cauteloso, pois o aluno se recusa a aderir a um trabalho diferenciado para sanar tais “dificuldades” por medo da exposição diante dos amigos.

Quando o aluno já se encontra no Ensino Médio e este transtorno ainda não tenha sido diagnosticado, por falta de atenção do professor, sala de aula numerosa ou mesmo falta de apoio dos pais para fazerem uma avaliação física do aluno, ou ainda apesar das evidências, o discente não foi submetido a testes padronizados e individualmente administrados de Leitura, Matemática, expressão

escrita para verificar se estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência, Isto demonstra o quanto a Educação está aquém do esperado, a grande maioria das escolas não possuem Professores capacitados para fazer tais diagnósticos, propor uma intervenção e acompanhar os avanços destes alunos que precisam de uma atenção e um trabalho adequado as suas necessidades.

De acordo com Ciasca (2003) “no Brasil, os distúrbios de aprendizado têm incidência de 3 a 5% da população geral com dificuldade acadêmica”. Assim o professor já nas séries iniciais deve encaminhar a criança para uma avaliação fonoaudiológica, a fim de que seja diagnosticada se há ou não distúrbio de aprendizado.

É importante para o trabalho do fonoaudiólogo com paciente com alteração na leitura e na escrita que o professor responda a um relatório que conste de:

- Histórico e características do aluno: repetências, frequência escolar, interesse, local em que senta na sala;
- Aspectos gerais sobre a adaptação do aluno em sala de aula;
- Relação com os colegas;
- Comportamento e postura em sala de aula;
- Manifestações observadas na leitura e na escrita: tipo de trocas, produção de texto, leitura.

Através de todas essas informações, o fonoaudiólogo fará a avaliação, e posteriormente serão feitos os encaminhamentos necessários para a complementação de dados e elaboração de um planejamento terapêutico. Tal planejamento varia de indivíduo para indivíduo dependendo das características, habilidades e dificuldades de cada um nos códigos orais e/ou gráficos.

Vale ressaltar que a escrita disortográfica não afeta a grafia, ou seja, ela não necessariamente será disgráfica, pois o traçado da palavra é preservado quanto a sua qualidade. O disortográfico, com frequência, infringe as regras gramaticais da língua no que diz respeito às estruturas das palavras e textuais.

Vicente Martins (2005) afirma que “por detrás da Disortografia está a falta de consciência fonológica, ou seja, o desconhecimento do princípio alfabético da relação grafema-fonema (escrita-fala)”. Enquanto Vânia Pavão (2006) em seus

estudos confirmam esta afirmação que revelam a importância deste modelo estar bem construído e treinado no processador ortográfico cortical para que tal habilidade seja bem sucedida quando reproduzida e memorizada.

Não podemos esquecer que alguns problemas que estão associados à Disortografia são problemas perceptivos (memória visual auditiva, espaço temporal, discriminação etc.), problemas linguísticos (articulação, uso de vocábulos etc.), problemas afetivo-emocionais (autoestima, motivação etc.), problemas pedagógicos (ensino inadequado na fase de iniciação e aprendizagem deficiente) e problemas percepto motores (lateralidade, domínio de um hemisfério cerebral).

Suspeita-se que a origem da Disortografia seja de ordem neurológica, pedagógica, psicológica e perceptiva, não se encontrando registros relacionados à herança hereditária que justifiquem o transtorno.

Outra suspeita é que pode ser também resultado de outros transtornos de aprendizagem como a dislexia, dislalia, disartria e discalculia. Segundo Ciasca (2003) " outra causa se dá ao atraso do desenvolvimento. Por se manifestar na maior parte dos casos decorrente de outros distúrbios", as hipóteses de sua etiologia não são muito divulgadas e tão pouco estudadas isoladamente, por isso as informações sobre sua origem ainda se encontram escassas.

Ressalta-se que criança quando entra em contato com a escrita, ela se depara com um novo sistema, em que precisa utilizar novas regras e voltar a sua atenção para elementos até então imperceptíveis, para tanto é necessário que desenvolva suas capacidades metalinguísticas, ou seja, que passe a refletir sobre sua linguagem. Essa reflexão envolve a atenção aos aspectos da linguagem nos níveis fonológico, morfológico e sintático. A capacidade metalinguística, em seu nível fonológico, faz com que a criança reflita sobre o sistema sonoro da língua, tendo consciência de frases, palavras, sílabas e fonemas como unidades menores.

Há três diferentes posições sobre a correlação entre a consciência fonológica e o desempenho em atividades de leitura e escrita, São eles:

Em uma primeira posição, estão aqueles que acreditam que a consciência fono-lógica (enquanto habilidade para detectar rimas e aliterações) ocorre a partir do progresso na aquisição da leitura e escrita, devido ao uso de analogias, da habilidade de perceber que duas palavras rimam, tornando a

criança sensível às semelhanças ortográficas no final dessas palavras e, assim, possibilitar o estabelecimento de conexões entre padrões ortográficos e sons no final das palavras.

Para tal posição, a consciência fonológica é considerada a chave para o desenvolvimento da alfabetização.

Na segunda posição, encontram-se aqueles que defendem que a instrução formal do sistema alfabético é o fator ou causa primordial para o desenvolvimento da consciência fonológica. A capacidade de fazer analogias no final das palavras pressupõe habilidade de decodificação letra-som, sendo que a capacidade de detectar fonemas em uma palavra é influenciada pelo conhecimento ortográfico.

Em uma terceira posição destacam-se os que vêem uma relação de reciprocidade entre a consciência fonológica e a aquisição da leitura e da escrita. Explicam que os estágios iniciais da consciência fonológica contribuem para o desenvolvimento de habilidades fonológicas mais complexas.

Dessa forma, enquanto a consciência de alguns segmentos sonoros (supra fonêmicos) parece desenvolver-se naturalmente, a consciência fonêmica parece exigir experiência específica em atividades que possibilitam a identificação da correspondência entre os elementos grafêmicos da escrita. Este processo de associação grafema-fonema exige um desenvolvimento de análise e síntese de fonemas.

Para se chegar à descoberta do fonema, é necessário adquirir e desenvolver a consciência fonológica, que se trata da competência metalinguística que possibilita o acesso consciente ao nível fonológico da fala e à manipulação cognitiva das representações neste nível. O contato com a linguagem escrita possibilita o desenvolvimento desta capacidade, sendo que este desenvolvimento auxilia nos níveis mais avançados de leitura e escrita.

Apesar desta controvérsia, todos são unânimes em concordar que as tentativas de leitura e escrita por parte de leitores e escritores iniciantes têm, em geral, mais sucesso se estes compreenderem o que é princípio alfabético, pois, dessa forma, eles poderão fazer uso de maneira mais eficaz da informação obtida pela decodificação letra-som, habilidade que apresenta um comprometimento importante no escolar com problemas de aprendizagem. Esse comprometimento geralmente está relacionado com a dificuldade no mecanismo de

conversão letra-som, ocasionando os chamados erros de natureza fonológica e ortográfica

2.1 COMO DIAGNOSTICAR A DISORTOGRAFIA

Deve-se, primeiramente, estipular qual o grau de discrepância que o indivíduo apresenta entre seu potencial a sua realização, o disortográfico tem QI médio ou acima da média e sua escolaridade é apropriada para a sua idade. Então, trabalha-se com as exclusões; se a acuidade visual do sujeito é boa, se não há retardo mental, comprometimento neurológico grave, privação cultural ou escolar, pode-se começar a investigar os fatores que contribuem para o quadro, os problemas associados e se a queixa por Disortografia se associa a outros transtornos de aprendizagem. É importante saber se o indivíduo está com o seu intelecto deteriorado, como se encontra emocionalmente, qual o seu nível pedagógico e entre outras informações que devem ser investigadas minuciosamente para que o diagnóstico seja diferencial e mais assertivo. Vale ressaltar que somente dificuldades na ortografia sem outras alterações de escrita não fecha diagnóstico.

Os sintomas estão relacionados a inúmeros erros ortográficos, assim que adquiridos os mecanismos de leitura e escrita. Os sintomas são: confusão de letras por trocas auditivas e visuais; confusão de sílabas com tonicidade semelhante; uso de palavras com o mesmo som para várias letras; dificuldade para recordar a sequência de som das palavras que são elaboradas mentalmente surgindo omissões, adições (aglutinações), inversões, fragmentações, junções, contaminações de uma palavra por outra próxima e substituições de letras semelhantes; desordem na formulação de escrita e, embora tenha influência na leitura e apresente linguagem oral perfeita, compreensão e cópias de palavras, o sujeito tem dificuldades em transcrever pensamentos próprios e, assim, não produz textos próprios; escrita de “n” ao invés de “m” antes de “p” e “b”, substituição de “r” por “rr”; dificuldades na produção de textos; dificuldades na organização de parágrafos comprometendo a estética do “texto”, persistência de um padrão inicial de escrita ancorado na fala (bolu, priguiça); inversões de grafemas (porcerlana).

2.2 COMO TRATAR E AUXILIAR O DISORTOGRÁFICO

Primeiramente, deve-se assegurar ao disortográfico que o Psicopedagogo, o Professor e familiares estão dispostos a ajudá-lo e a motivá-lo. Deve-se encorajar as tentativas de escrita do sujeito; incitar a elaboração dos próprios textos como postais, cartas, bilhetes, ou até mesmo um diário; não valorizar demasiadamente seus erros, mas incentivá-lo a solucionar seus próprios erros e problemas gramaticais; incentivar a leitura e exercícios ortográficos com livros lúdicos; não sobrecarregar o sujeito com atividades acadêmicas; incentivá-lo a cumprir os prazos de entrega, uma vez que encarar suas dificuldades lhe é doloroso.

Martins (2005) sugere um modelo de intervenção que pode ser usado na sala de aula ou na clínica, é um modelo de intervenção psicolinguística que trabalha e fortalece o campo léxico-ortográfico e semântico do indivíduo. Através de um lapsograma (neologismo dos linguistas cubanos, onde se faz a tabulação dos erros ortográficos cometidos durante a realização de uma tarefa) é possível se trabalhar cada insucesso do sujeito de forma individualizada.

2.3 LAPSOGRAMA

Para Martins (2005) deve-se elaborar a PAO-Pauta de Autocorreção Ortográfica, a partir dos lapsogramas, que consistirá em colocar um mesmo número sob cada tipo de erro ou lapso ortográfico. Em uma folha à parte e em forma de planilha, escreve-se o critério de resposta correta que explique o número colocado sob cada palavra.

Elaboração de um inventário de Lapsograma de uso frequente: Elabora-se um inventário progressivo do cotidiano em ordem alfabética das palavras onde se encontram dificuldades ortográficas observadas nas produções do indivíduo. Em seguida, de acordo com os ensinamentos linguísticos, devem se levantar hipóteses linguísticas ou psicolinguísticas para as explicações das alterações ortográficas.

Exemplo: Se o erro foi por falta de consciência ou por déficit de memória.

Realizações de jogos ortográficos, palavras cruzadas e exercícios de pares ortográficos.

Desta forma para cada diagnóstico, aplica-se atividades para sanar tal dificuldade.

2.4 COMO LIDAR COM ALUNOS DISORTOGRÁFICOS

Segundo a Psicopedagoga Paula Furtado (2011) para auxiliar os alunos disortográficos é necessário:

- Estimular a memória visual das crianças/adolescentes com cartazes de letras e números espalhados pela sala de aula;
- Elogiar o aluno quando ele escrever corretamente;
- Encaminhar a criança/adolescente para um fonoaudiólogo ou psicopedagogo;
- Observar quais são as trocas mais comuns que os alunos cometem e aplicar jogos e brincadeiras para trabalhá-las.

ATIVIDADES

DITADO E DITADO DO MUNDO

- 1) Pegar as principais dificuldades dos alunos e preparar um ditado. Se tiver alunos que trocam o C pelo G, ditar primeiro só palavras com C e depois só palavras com G.
- 2) É interessante também que a criança visualize as palavras. Então, escrever a palavra na lousa e dar um tempo para que a turma a observe. Em seguida apagar e pedir para as crianças escrevê-las no caderno.

Envelope Surpresa

Materiais

- Envelopes;
- Figuras que representem palavras que confundem as crianças;
- Letras móveis.

Como fazer

- Colar uma figura em cada envelope (no lado onde se escreve o destinatário);
- Pode desenhar as figuras,tirar xerox e pintá-las ou recortá-las de revistas;
- Tirar xerox do quadro com as letras do alfabeto disponível na folha de moldes e recortar as letras;
- Colocar dentro do envelope as letras correspondentes à figura escolhida;
- Entregar os envelopes aos alunos e pedir para eles montarem as palavras correspondentes às figuras com as letras que estão dentro do envelope;
- No começo colocar no envelope apenas as letras que a criança irá utilizar para “escrever” a palavra.Depois de algum tempo,colocar também letras que não serão utilizadas.Por exemplo,se a palavra é “jacaré”,coloque,além do jacaré,um X,um C,e um i.

Desenvolver a percepção e memória visual

3) Circule com lápis colorido os dois conjuntos de letras iguais:

ace-eca-cea-ace-cae-eac-cae

pgq-pqg-gpq-qgp-pqg-gpq-qpg

aeo-eoa-oae-oea-eao-aoe

lft-tlf-ftl-flt-tfl-ltf-lft

vnm-mnv-vmn-num-mnv-nmv-mvn

4) Circule com lápis de cor diferente os dois pares iguais:

pbd-qdb-bdp-dpb-pbd-dbp-bdp

gpq-pgq-gqp-gpq-qpg-qgp

umn-nmu-mun-unm-umn-nmu-num

ruv-rvu-rvu-vru-uvr-vur-ruv

jil-ilj-lji-jil-lij-ilj-jli

5) Desenvolver a percepção e a imitação auditiva

Identifique a palavra correta que é formada com a primeira e a última sílaba.

panela-canela-lapa-pala-nela-camisa-missa-capa-saca-casa-
cabeça-cabe-saca-caça-beca-sebenta-sebe-seta- benta-beta-
palhaço-aço-palha-laço-paço-resende-sende-rese-rede- ende

Ações e atitudes adequadas do professor e dos pais para melhorar o desempenho da criança disortográfica (disléxica ou não):

- Evitar o uso de canetas vermelhas na correção dos cadernos e provas;
- Dizer para a criança que,com paciência,perseverança,exercício de apoio,ela será capaz de melhorar seu desempenho;
- Usar material multissensorial para estimular seus sentidos,especialmente o tato e a audição.Por exemplo:escrever sobre uma folha plástica grande,com mostarda,creme de barbear,gel para cabelo;
- Com dedo:escrever com tinta a dedo e/ou com anilina diluída em mingau de água com maisena sem açúcar,com um pouco de sal para durar mais tempo na geladeira (pode separar o mingau em três ou mais potinhos para fazer cores variadas);
- Construir palavras com letras,blocos ou peças de madeira;
- Projeto e sistema de som;
- Trabalhar os grafemas em papel quadriculado grande,com letras que ocupem toda a folha e ir diminuindo o tamanho aos poucos,à medida que a criança adquire autonomia na escrita do estágio trabalhado.Issso pode ser feito com um modelo ao lado da folha para que ela o imite,ou pontilhar a letra na própria folha da criança para que ela cubra;

- O professor deve procurar se manter calmo diante dos erros ortográficos e gramaticais persistentes e acreditar na capacidade da criança de aprender;
 - Estimular a memória visual da criança por meio de quadros com letras do alfabeto,número,famílias silábicas;
 - O professor deve certificar-se de que compreende o que a criança precisa e ajustar o material ao estilo de aprendizagem dela;
 - Usar exercícios de trava-língua,promovendo a consciência fonológica da criança com dificuldade em leitura,escrita e ortografia;
 - Brincadeiras,jogos ou movimentos corporais com parlendas,que são conjuntos de palavras com arrumação rítmica em forma de verso,que podem rimar ou não
- A parlenda melhora a memorização.

2.5 AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO BASEADA NA SEMIOLOGIA DOS ERROS

A avaliação e a intervenção na Disortografia (Fernández et al.,2009)” devem ser centradas na base do sistema de escrita da língua materna.Antes do início da investigação clínica e educacional,professores e terapeutas devem conhecer o sistema de escrita da Língua Portuguesa,ou seja,saber que esse sistema conta com um alfabeto composto de 26 letras,que isoladas ou combinadas e com os diacríticos,marca sinais como acentos gráficos,til,cedilha,representam os fonemas”.Assim, enquanto existe uma variedade muito grande de sons,só existem 26 letras para representar a Língua Portuguesa escrita.

O sistema de escrita do Português caracteriza-se pela transparência ortográfica ,ou seja,pela regularidade,sendo cada fonema correspondente a um e somente um grafema e vice-versa (cada som corresponde a uma e somente uma letra) e,pela opacidade ortográfica,ou seja,pela irregularidade,com grafemas que correspondem a mais de um som e com sons que correspondem a vários gra-femas.

A avaliação da ortografia deve trazer informações do nível ortográfico que a criança se encontra,revelando quais são os tipos de erros ortográficos e sua frequência de ocorrência na escrita.De forma geral,deve-se conter à observação dos próprios trabalhos escolares,ditado sem correção e autocorrigido,escrita de

textos longos e curtos, ditado de pseudopalavras, cópia, ditado de letras, escrita de palavras a partir de figuras, ditado de frases e palavras, exercícios de completar palavras com um ou mais grafemas, completar frases com palavras, tarefa de erro intencional, que fornece informação sobre o nível de conhecimento ortográfico que os escolares possuem e composição escrita descrevendo problemas reais usando conteúdos das diversas disciplinas acadêmicas para a solução dos mesmos.

A análise dos dados da avaliação deve ser baseada na observação dos erros que decorrem da alteração do princípio alfabético que afetam a ortografia natural e os erros nas convenções ortográficas, independentes deste princípio, que afetam a ortografia arbitrária.

A classificação baseada na semiologia dos erros pode ser dividida em dois tipos de erros: os de ortografia natural e de ortografia arbitrária. Os erros de ortografia natural têm ligação direta com o processamento de linguagem, enquanto os erros de ortografia arbitrária tanto para a ortografia dependente de regras como a independente de regras estão diretamente relacionados com a memória visual, conhecimento de regras ortográficas, léxico e morfologia. Entre os erros de ortografia natural destacam-se os erros de correspondência fonema-grafema tanto para a correspondência biunívoca como para as unívocas dependentes do contexto, que estão diretamente relacionados com o processamento da fala e com a relação letra-som justificando os erros de substituição grafêmica.

Os erros na sequencialização dos grafemas estão relacionados com o processamento da fala e se manifestam com os erros de omissão e adição de segmentos e alteração na ordem dos segmentos, gerando uma dificuldade para identificar a sequência fonêmica correta durante o processamento da fala e a sua correspondência grafêmica. Outro tipo de erro é o da segmentação da cadeia de fala que ocasionam segmentação indevida de palavras, união incorreta de palavras e estão diretamente relacionados com a consciência lexical.

A partir da observação e consideração sobre os achados encontrados na avaliação, a intervenção da disortografia deve lançar mão de atividades que se adaptem às características semiológicas de cada tipo de erro e aos fatores cognitivos ou linguísticos implicados, usando uma metodologia que se baseia na aprendizagem direta de palavras e regras ortográficas. O

escolar, portanto, aprenderá uma grande quantidade de palavras que contém o erro (aprendizagem de com -petências) com o trabalho com os déficits nos processos psicolinguísticos sub-jacentes, mas desta vez, sem gerar angústia e ansiedade neste.

Os aspectos básicos de uma intervenção se iniciam pelo desenvolvimento de algumas noções, tais como: a definição de som e de letra; a explicação de suas relações, estáveis em convencionais; o nome das letras e as diferenças dos sons que representem e a classificação delas em consoantes e vogais para poder operar com as regras gramaticais.

Foram propostos para a intervenção da Disortografia módulos de trabalho em: metacognição; linguagem oral; consciência fonológica; conhecimento das regras de correspondência fonema-grafema, aplicação das regras de codificação fonema-grafema e automatização do uso das regras na escrita, além de uma instrução focada na ortografia associada à morfologia-estudo da estrutura e formação das palavras e produção textual.

Primeiro, a criança precisa saber lidar com a escrita para depois se preocupar em como escrever ortograficamente, pois ela, na escola, necessariamente deve realizar dois tipos de aprendizados: o princípio do sistema alfabético e a norma ortográfica, ou seja, das restrições regulares e irregularidades para a escrita de palavras.

2.6 SUGESTÕES PARA ORIENTAR PAIS E PROFESSORES

De acordo com Fernández (2009) os pais e professores devem:

a) Sugestões aos Professores

- Dizer à criança que entende a sua dificuldade e que fará o que for possível para ajudá-la;
- Entender que crianças com disortografia apresentam necessidade de tempo maior para realizar as tarefas escritas e, então, oferecer mais tempo para essa tarefa em sala de aula é necessário;

- Explicar para a criança como a escrita e a ortografia funcionam, podendo, depois, utilizar a própria criança (palavras e histórias de poucas linhas), para explicar o que ocorreu com a escrita para, em seguida, promover a caixa ortográfica;
- Diferenciar os erros de ortografia das falhas de compreensão e possibilidade de elaboração de respostas, para que a avaliação incida sobre o conteúdo;
- Conscientizar a criança do que ela deve saber, o que fez e porque precisa corrigir;
- Valorizar o empenho do aluno e não somente o desempenho;
- Ajudar em provas escritas na leitura, para que a criança não fique sem entender;
- Usar provas orais como um recurso extra se a escrita estiver muito comprometida;
- Fazer correções da ortografia sempre, não permitindo que a criança “fixe” uma forma incorreta de escrita, porém ter critério para a correção dos textos produzidos pelo aluno, sem cometer borrões e rabiscos com canetas coloridas;
- O professor pode assinalar com pequenas marcas os erros ortográficos e solicitar que o aluno procure a grafia correta em um dicionário ou um fichário de palavras em que o grupo de crianças da sala de aula pode montar no decorrer do ano.

b) Sugestões aos Pais

- Dizer ao filho que entende a sua dificuldade e que estará sempre presente para ajudar;
- Escolher uma escola que confie e aberta para atender suas angústias, dúvidas frustrações ou que possa traçar um plano de trabalho integrado ao processo de intervenção fonoaudiológica;
- Garantir um ambiente sem pressões extremas e exigências demasiadamente altas, que certamente a criança não poderá atingir;
- Ajudar nas tarefas e trabalhos escolares de acordo com a necessidade da criança, com paciência e compreensão, entendendo que ela faz somente o que pode e não porque não quer;

O Transtorno Específico da Escrita, também é uma alteração na planificação da linguagem escrita, que causa transtornos na aprendizagem da ortografia, gramática e redação, apesar de o potencial intelectual e a escolaridade do indivíduo estar adequados para a idade. Compreende um padrão de escrita que foge às regras ortográficas estabelecidas, convencionalmente, que regem determinada língua.

Muitos escolares apresentam alterações na escrita em decorrência de a escola não enfatizar o ensino da ortografia pela frágil fundamentação teórica e prática de seus educadores. Muitos alunos têm na escola sua principal fonte de contato com a linguagem escrita e, considerando que muitas metodologias atuais de alfabetização não utilizam procedimentos de correção e ensino eficazes da escrita, estas acabam por manter os alunos em situação de desconhecimento da ortografia.

As características da disortografia fazem parte do processo de apropriação do sistema ortográfico da língua, mas são superadas ao longo da escolarização. No caso de crianças com disortografia decorrente do quadro de transtorno de aprendizagem, tais características não desaparecem com a progressão da escolaridade, mostrando-se persistentes.

A caracterização da disortografia se dá pela dificuldade em fixar as formas ortográficas das palavras, apresentando como sintomas típicos a substituição, omissão e inversão de grafemas, alteração na segmentação de palavras, persistência do apoio da oralidade na escrita e dificuldade na produção de textos.

A Disortografia apresenta como características geralmente as trocas de grafemas que representam fonemas homógrafos e acontecem por problemas de discriminação auditiva. Quando a criança troca fonemas na fala, a tendência é que ela escreva apresentando as mesmas trocas, mesmo que os fonemas não sejam auditivamente semelhantes. Possui dificuldade em perceber as sinalizações gráficas (parágrafos, travessão, pontuação e acentuação). Além de dificuldade no uso de coordenação/subordinação das orações, textos muito reduzidos, aglutinação ou separação indevida das palavras e falta de vontade de escrever.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas de ortografia que persistem ainda no Ensino Médio devem ser investigados com acuidade, uma vez que pode se tratar de Disortografia. Após estudar com afinco este transtorno está claro que o aluno deve ser encaminhado para um fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo para que seja avaliado, e o professor deve ser orientado para que direcione o seu trabalho utilizando atividades que realmente auxiliem o aluno a superá-lo.

A questão é que a Escola Pública não tem um Psicopedagogo na escola para orientar os professores a diagnosticar e a trabalhar tal transtorno. No entanto, o que temos são aulas de reforço para os alunos que apresentam dificuldades, mas sem nenhum critério, e direcionamento do trabalho. Sendo assim, tais reforços não surtem o efeito esperado. E o que vemos são alunos que terminam o Ensino Médio sem ter recebido o devido tratamento para sanar as suas dificuldades.

Sendo assim, sempre que o professor diagnosticar dificuldades que persistem nesta fase, deve procurar orientação e conversar com os pais, explicando o que deve ser feito, encaminhando o aluno, além de buscar orientação com profissionais de outras áreas para que faça as intervenções adequadas. Portanto, o professor deve estar se capacitando constantemente, além de ser um incansável investigador dos problemas de aprendizagem que se depara constantemente.

Vale ressaltar, que diante do exposto, fica evidente a importância do diagnóstico e intervenção na mais tenra idade e etapa Escolar, para evitar a evasão do aluno, além de preservar a sua autoestima. A aplicação de atividades direcionadas a dificuldade apresentada estimula o aluno a se interessar pela escrita e evoluir paulatinamente, enquanto o professor diante dos conhecimentos adquiridos acerca da Disortografia é capaz de acompanhar e criar atividades que desperte o interesse do aluno fazendo as adaptações necessárias. As atividades aqui apresentadas podem ser adaptadas ao mundo digital através de games.

Conclui-se portanto, que o professor deve se especializar sobre as dificuldades/ transtornos/distúrbios de Aprendizagem adquirindo um embasamento teórico profundo, conhecer a realidade de sua clientela e fazer as

adequações necessárias utilizando o material disponível na sua Escola e aplicar a teoria auxiliando o discente a superar o desafio que é a aprendizagem para muitos.

REFERÊNCIAS

CIASCA, SM. **Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação interdisciplinar**. Casa do Psicólogo, 2004.

FERNANDEZ et.al. **Avaliação e Intervenção da Disortografia baseada na Semiologia dos erros**. Disponível em: < <http://www.scielo.br> > acesso em 10/07/2021.

MARTINS, V. **Ensino e aprendizagem da ortografia na escola**. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br> >. Acesso em 08/06/2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de, SANTOS, Thaís Helena dos. **Disortografia(verbete) Dicionário Interativo da Educação Brasileira**- Educa Brasil São Paulo, Midiamix Editora.

.PAVÃO, V. **Dislexia e disortografia: A importância do Diagnóstico**. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs/include/get>> Acesso em 08/06/2021.

SACALOSKI et.al. **Fonoaudiologia na escola**. Lorusse, 2000.